

M.  
A.

# Manuel Alegre

## Jornada de África

{ Romance }

Primeiro romance de um poeta, *Jornada de África* é um pequeno milagre de mutabilidade — a cada releitura surgem novas camadas de sentido, ressonâncias novas, ampliações luxuosas. A maior não satisfação de expectativas, o estranhamento maior, deste romance, que tem por cenário o eclodir da guerrilha em Angola, possui um traço inquietante, paredes meias do *unheimlich* freudiano — o protagonista Sebastião, um alferes, é ele próprio e, simultaneamente, mais do que ele próprio, uma vez que reencarna o Encoberto e até Manuel Alegre enquanto tal. Isto é, a crise de identidade de Sebastião é uma crise de excesso identitário, o que, diga-se na passada, também acontece com o protagonista Alferes, mas numa dimensão reencarnadora mais vasta que chega a Viriato, no filme *Non ou a Vã Glória de Mandar*, de Manuel de Oliveira.

Rui de Azevedo Teixeira, *Uma Proposta de Cânone*



DOM QUIXOTE



COLEÇÃO

# Poesia, Saudade e Quinto Império

Referência cimeira da literatura sobre a guerra colonial, Manuel Alegre volta ao seu universo em *Jornada de África*, o romance que, a partir da próxima semana, integra a estante VISÃO/Dom Quixote. O livro é aqui analisado por Rui de Azevedo Teixeira, autor de ensaios angulares sobre o tema

**N**ão temos prosa; temos poesia, sustentam alguns espíritos mais polémicos. Homens como José Bacelar, Mar TALEGRE, Casais Monteiro, Torga ou Gaspar Simões defendiam – depois de Eça, Camilo ou Brandão e antes de Saramago, Lobo Antunes ou Rui Nunes – que não tínhamos o fôlego, a disciplina e a longa paciência para o romance. Em contrapartida, a criatividade nacional seria abundantemente lírica, sobrar-nos-ia a inclinação e mesmo o génio para a poesia.

Não temos memória; temos saudade. O português pouco sabe da sua História, bastando-lhe algumas vagas ideias

sobre o arranque da nacionalidade e banalidades ardentes sobre os Descobrimentos e o Império. Mas esta falta de memória histórica não equivale a um espaço oco, já que, transbordantes, ocupamos essa lacuna com a nossa condição saudosa.

A superioridade da poesia e a ideia de Portugal (e do mundo que o português moldou), na qual triunfa a saudade, são os temas de fundo de *Jornada de África* (1989), de Manuel Alegre, que assim obedece à sua dupla condição de poeta e de português virado ao inenso Sul. *Jornada de África*, num primeiro patamar, apresenta-se e é recebido como um



UMA IDEIA DE PORTUGAL  
O poeta e a sua *Jornada de África*

romance sobre a Guerra Colonial. Porém, a sua natureza profunda é outra – se lhe tirarmos a máscara novelística, o rosto que surge é o do ensaio, um *ensaio de campo* sobre os dois temas que, estando imersos na ganga romanesca, não deixam de ser nucleares.

## A prosa não existe

Um resumo de superfície de *Jornada de África* diria que a obra trata das deambulações universitárias e políticas, em Coimbra e nos Açores, e dos apertos militares, no Norte de Angola, ao romper da guerra colonial, do jovem Sebastião, um bom guerreiro no lado mau da guerra e um Alegre de papel. Este centro magnético da história atrai uma limalha de personagens – Spínola, o novo «Condestável»; Roque, projecção do célebre

matador de pretos Robles; Domingos da Luta, uma estampagem de Afamado Pedro, o Mata-Alferes portugueses do MPLA; ou a mestiça Bárbara, «cativa» como a homónima camoneana das *Endechas* – e de múltiplos eventos e alguns lances empolgantes, como o duelo entre Sebastião e Domingos da Luta. Mas esta história do alferes Sebastião, uma história que facilmente se deixa fundir na História, mais não é, na verdade, do que um pretexto para o poeta de *O Canto e as Armas*, cuidando das suas preocupações mais fundas, sabotar a ficção, louvando, na passada, a poesia, e reflectir sobre a nossa identidade colectiva, indissociável do espaço lusófono.

A desvalorização da prosa de ficção, aliás, já de alguma forma aflorada por João Medina quando considerou *Jor-* ▶

nada de África uma continuação romanesca do poema *Abaixo El-Rei Sebastião*, é ostensiva na insistência com que no livro se afirma: «Mallarmé tem razão, a prosa não existe.» De uma forma mais ricamente tortuosa, a bagatelização da narrativa literária empreendida por Alegre continua com, por exemplo, o modo perversamente recreativo como gere a entidade que oferece o discurso ou o próprio Sebastião. A primeira, difusa, atacada de variações, é «o poeta, o narrador, sabe-se lá quem é»; Sebastião, por sua vez, pode tornar-se num goleme, numa mera forma vazia, sem a consistência de uma personagem, como se constata na revolta do ser fictivo contra o seu demiurgo: «Sacana do Escritor. É ele que manipula isto tudo.»

#### Quinto Império

Esta desmistificação da arte romanesca, esta descrença divertida nas virtualidades da ficção, que leva o criador a mandar para o recreio as suas criaturas de papel, faz com que o leitor, simetricamente, quebre o pacto romanesco – se não há verosimilhança, também não haverá a coleridgeana «voluntária suspensão da incredulidade», obrigatória para a fruição da ficção. Mas o leitor, dando de barato o jogo, continuará a ler, seduzido pelas reverberações da escrita, pelo calor poético do texto, no qual o autor deixa ressoar os timbres luxuosos de Luís Vaz («Camões decassilaba-se em mim»), confessa belamente Manuel Alegre, Rilke e Pessanha.

## ALFERES EM ANGOLA



Natural da Póvoa de Varzim, Rui de Azevedo Teixeira viveu,

em criança, em Macau e Goa. Foi alferes dos Comandos em Angola (onde Manuel Alegre combateu e de onde se exilou) doutorando-se, mais tarde, em Aachen, na Alemanha, tendo leccionado na Universidade de Colónia. Organizou dois congressos sobre a guerra colonial e publicou *A Guerra Colonial e o Romance Português*, obra angular no seu campo. Editou, recentemente, *O Leitor Hedonista*, síntese imprescindível sobre a actual ficção feita entre nós. É, desde 1998, professor de Literatura Portuguesa da Universidade Aberta, de Lisboa.



GUERRA COLONIAL  
«Outros mares, outras índias, não isto»

Emergente de um corpo romanesco que não acredita em si enquanto tal, o outro grande encarte ensaístico de *Jornada de África* medita sobre a rede temporal portuguesa e o que essencialmente somos. O passado, heróico-trágico, tecido de uma sumptuosamente rasgada malha mitológica, é «a hora da grandeza», de *Os Lusíadas*, e do desastre mítico de Dom Sebastião e de Alcácer; o presente, articulado fabulosamente com o passado e problemáticamente com o futuro, é canceroso, é o tempo terminal da agonia do Império, é a «hora absurda»; e o futuro é o que se sonha dentro do Império da Língua, de um sempre nebuloso Quinto Império, o «anti-império».

À semelhança de Thomas Mann, que perspectiva a História da Alemanha do alto da baliza temporal-simbólica da ressaca da II Guerra Mundial e através da *expansão* de uma única personagem-chave, o Doktor Faustus, Manuel Alegre, partindo do tempo de ponte da guerra de África, condensa na sombra espectral do Encoberto, que alastra por *Jornada*

de África e penetra em Sebastião, a sua ideia de Portugal. Marcado pela reversibilidade presente/passado, Sebastião «tem a impressão de não reconhecer o próprio nome. Murmura-o muito baixo: parece o nome de um outro» (na realidade, do Outro) e partilha com «o Poeta» Manuel Alegre, a mesma «linhagem», a «saudade e a inquietação do que não há. Outros mares, outras índias, não isto». O alferes, um «nostálgico da Epopeia», como Lourenço chamou a Alegre, vive na saudade da nossa grande aventura oceânica, da Viagem camoneana, num tempo que é o das viagens interiores, do fechamento em si, do bando heteronímico pessoano.

Buscamos a Abertura, a aventura, Camões, mas já dificilmente conseguimos libertar-nos do Fecho, da pequena rotina, do *interno abraço* de Pessoa. É, no entanto, o mesmo Pessoa, e Alegre com ele, que aponta como saída essa destilação da grandeza antiga que é o Quinto Império, a causa da Comunidade da Língua. Espalhada por aventureiros de vários tipos pelo planeta, por esse Sul que é «azul azul azul, às vezes branco, é o mar, a distância, o sol, a saudade, as areias, o deserto», a Língua Portuguesa, depois de caída a velha e frágil pele imperial, é a força que mantém um complexo de civilização morena, feita de «grandes cruzas». E esta «saudosa» língua será sempre, para Manuel Alegre, conduzida pelos líricos, iluminada pela sua manifestação mais elevada, a poesia. ■